

# **AULAS ANTIRRACISTAS: MULHERES NEGRAS SENSACIONAIS**

## **Antiracist Lessons: Sensational Black Women**

**Maria das Graças Gonçalves<sup>1</sup>**

**Priscila Marques Mateus da Silva<sup>2</sup>**

**Andrew César Batista Carneiro<sup>3</sup>**

---

---

1 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e Professora da Universidade Federal Fluminense, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1128-618X>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4817136004929983>, E-mail: [profgragoncalves@gmail.com](mailto:profgragoncalves@gmail.com)

2 Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais), ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4751-1939>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4953493024874817>

3 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1567-5528>, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3691743174995471>

## Resumo

Esse trabalho apontará um recorte de pesquisa-ação sobre educação antirracista, enfocando aulas na formação de professores, do Grupo de Pesquisa e Extensão “Negros e Negras em Movimento” (UFF). O objetivo principal do projeto é realizar diálogos interculturais e desenvolver práticas pedagógicas concernentes à história e cultura africana e afro-brasileira em sala de aula, de forma qualitativa e emancipatória. Também se inclui no trabalho o objetivo de colaborar no fortalecimento da consciência negra, visto que a opressão racial produziu apagamento histórico, negação de direitos humanos, e desigualdades sociais que prejudicam os projetos de vida. Entendemos que a constituição subjetiva dos negros e negras é uma construção social, cultural e individual, na sua concretude de sujeitos sociais dotados de corporeidade, memória e desejos ou aspirações humanas. No recorte escolhido - Aulas Antirracistas sobre Mulheres Negras Sensacionais - utilizamos aportes teóricos descolonizadores e experimentação didática, a fim de instrumentalizar futuros/as professore/as para combater o racismo institucional escolar e fortalecer a implementação das DCN’s para a Educação das Relações Étnico-raciais na Educação, e da Lei 10639/2003. As vivências, em sala de aula e em campo, resultaram numa experiência ímpar e significativa, que nos fazem entender que a educação antirracista procura nexos com o chão da luta dos negros, com a luta secular pós abolição, com reconhecimento de sua história, de sua participação na construção da nação, e pela sobrevivência psicológica e física. Tal educação precisa se conectar com a realidade negra, e auxiliar na reeducação da sociedade, esvaziando as ideologias do branqueamento e das hierarquizações culturais.

**Palavras-chave:** educação antirracista, mulheres negras, práticas pedagógicas, equidade racial

## Abstract

This work will highlight an action research section on anti-racist education, focusing on teacher training classes, from the Research and Extension Groupo “Negros e Negras em Movimento” (UFF). The main objective of the project is to carry out intercultural dialogues and develop pedagogical practices concerning African and Afro-Brazilian history and culture in the classroom, in a qualitative and emancipatory way. The objective of collaborating in strengthening black consciousness is also included in the work, given that racial oppression has produced historical erasure, denial of human rights, and social inequalities that harm life projects. We understand that the subjective constitution

of black men and women is a social, cultural and individual construction, in its concreteness of social subjects endowed with corporeality, memory and human desires or aspirations. In the chosen section, Anti-Racist Classes on Sensational Black Women, we use decolonizing theoretical contributions and didactic experimentation, in order to equip future teachers to combat school institutional racism and strengthen the implementation of the DCN's for the Education of Ethnic- racial issues in Education, and Law 10639/2003. The experiences, in the classroom and in the field, resulted in a unique and significant experience, which makes us understand that anti-racist education seeks connections with the ground of black struggle, with the secular struggle after abolition, with recognition of its history, of their participation in the construction of the nation, and for psychological and physical survival. Such education needs to connect with black reality, and help in the re-education of society, emptying the ideologies of whitening and cultural hierarchies.

**Keywords: Anti-racist Education, black women, pedagogical practices, field classes, racial equity**

## Introdução

A reflexão que traremos tem suas raízes no movimento social antirracista que incide no meio educacional oficial brasileiro desde a abolição da escravidão, tomando fôlego a partir das políticas democráticas, primeiramente inscritas na constituição de 1988, e logo a seguir, pelas modificações no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996) trazidas pelas Leis 10639/2003 e 11645/2008, que introduzem a obrigatoriedade do ensino de História da África e da cultura dos africanos e afro-brasileiros, bem como da História e cultura dos indígenas brasileiros, em todos os níveis de ensino do país.

As conquistas do movimento social negro brasileiro agora inscritas na política educacional nacional, através de marcos legais afirmativos, tanto na educação superior (políticas de cotas e permanência de estudantes negros), bem como na educação básica, com inovações obrigatórias, impulsionando discussões sobre a reeducação de toda a sociedade, no sentido do reconhecimento do racismo estruturante reproduzido no dia-a-dia, e, portanto, implícito e/ou invisível nas ações do cotidiano escolar. (Quadro 1)

### QUADRO1. PRINCIPAIS MARCOS LEGAIS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO

<b>Lei no 10.639/2003</b>	Altera a Lei 9.394/1996 (LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e Institui o Dia da Consciência Negra 20/11.
<b>Lei no 11.645/2008</b>	Altera a Lei 9.394/1996 (LDB), modificada pela Lei nº 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Indígena Brasileira".
<b>Lei no 12.288/2010</b>	Institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica
<b>Lei no 12.711/ 2012</b>	Institui, nas instituições federais vinculadas ao MEC, reserva de, no mínimo, 50% de suas vagas, para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, inclusive em cursos de educação profissional técnica, observadas algumas outras condições. Essa lei determina vagas a pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência, conforme a proporção na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição. (arts. 3o e 5o).
<b>Lei no 12.990/2014</b>	Institui, aos negros/as, reserva de 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.

No âmbito da formação docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, questões como equidade racial, pluriculturalismo e antirracismo, nos colocam o planejamento e (re)fazer pedagógico a partir de novos parâmetros. Nossas vivências e reflexões do Projeto de Pesquisa, Iniciação à Docência e Extensão “Negros e Negras em Movimento”, trazem questões sociais, culturais, políticas e educacionais que envolvem a população afro-brasileira: a discussão necessária do preconceito racial e a implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais (MEC, Resolução 01, de 17/06/2004). Essa demanda requer a erradicação do imaginário coletivo racista, o afastamento do pensamento epistemológico euro-centrado e aproximação de aportes teóricos descolonizadores. A pesquisa da própria prática e a experimentação didática, transversalizadas pelo antirracismo e pela equidade, são importantes elementos para o desenvolvimento de valores e instrumentos político-pedagógicos, que sedimentarão o caminho dos marcos legais acima citados. Nesse âmbito, nos perguntamos, como as políticas de educação étnico-raciais podem se traduzir em ações antirracistas e pluriculturais no chão de nossas aulas? Em outras palavras, o que, é e como realizar, a educação antirracista? O que é, e como implementar, a equidade racial nos projetos político pedagógicos das escolas? O que constitui uma aula democrática, pluricultural e antirracista?

Todas essas leis, por si só não dão conta de exterminar o racismo apenas pelo fato de existirem. Não são explicativas do que fazer pra transformar o ambiente escolar e as ações do ensino na direção do antirracismo. São direitos que demandam ações práticas.

Evidentemente, num ambiente social que, historicamente, cristalizou o racismo estrutural e institucional, as ações para sensibilizar e qualificar agentes sociais para atender a legislação antirracista configuram-se como primeiros passos. Para isso, é imprescindível o exercício da autorreflexão que permite descobrir, nas próprias ações, a reprodução do imaginário negativo e estereotipado, com vistas à sua superação. Assim, a partir de uma cadeia de ações sistematizadas (cursos, seminários, vivências culturais, produção de projetos de ações nas escolas, projeto de pesquisa, materiais de ensino e publicações) incentivamos a recuperação de memórias negras e inserção investigativa do cotidiano cultural de matriz africana em nossos territórios. Esse esforço cognitivo-afetivo levou ao planejamento do “que fazer” nos espaços educativos formadores, articulando ensino-pesquisa e extensão.

A partir do estudo do documento *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana*, (MEC, 18 de maio de 2004), nosso grupo “Negros e Negras em Movimento” busca estimular diálogos interculturais e desenvolver

experimentações e conhecimentos para trabalhar a história e cultura africana e afro-brasileira em salas de aula, de forma qualitativa e emancipatória. Nesse sentido trabalhamos para o fortalecimento da autoestima e da consciência étnico-racial positivada nas crianças e jovens negros do ambiente escolar, partindo do pressuposto que as características fenotípicas negras e as leituras sociais dessa negrura são determinantes na construção psicológica, afetiva e política das pessoas negras.

## **1. Primeiras reflexões sobre educação antirracista – democrática e plural**

Quando compreendemos que raça e racismo estão intrincados no tecido social, como elementos constitutivos de todo nosso sistema sociopolítico, podemos denunciar certas falácias, como a democracia racial ideologizada. Com racismo não há democracia.

O Estado Brasileiro nasce e se desenvolve assentado historicamente num processo permanente de reprodução ou recriação dissimulada das desigualdades raciais. Lemos a instituição escolar como um aparelho social, entre outros, que alimenta essa estrutura, através dos perversos mecanismos oficiais, produzindo dados da desigualdade na proficiência da aprendizagem e nos índices de exclusão de parte da população (negros/as, indígenas, pobres etc.). No mais das vezes, esses fenômenos sociais produzidos pelo imaginário racista se invisibiliza, ou se escamoteia em outras explicações, naturalizando-se as hierarquizações e desigualdades raciais. Em contraponto, desde os aquilombamentos do período colonial, a população negra escravizada reage às opressões da primazia branca, germinando na história brasileira o movimento social negro antirracista. Esse movimento social (expresso em diferentes formas de luta) destaca-se como um dos setores mais combativos da atualidade, a principal força democrática articuladora das lutas dos afrodescendentes, ao mesmo tempo que tem alcance reeducador para a sociedade como um todo (Gomes 2017). Nesse sentido, intelectuais e militantes negros e negras, no mundo e no Brasil, indicam o caminho inverso ao ideário branco de exploração e opressão dos seus diferentes, permitindo hoje ao segmento negro, disputar espaços privilegiados de saberes, como a universidade e outras agências de conhecimentos, fortalecendo ou criando outras epistemologias, não brancas e não colonizadas.

Fincado na materialidade cotidiana onde se produz a mente e a corporeidade da população negra, o movimento social negro almeja a construção de outra interpretação da história brasileira. Tais vozes negras congratulam a colossal resistência e produção da sobrevivência do povo negro, por séculos a fio, à contra pelo dos desejos dominantes que aspiravam seu desaparecimento. Essa história descortinada retira o povo negro do lugar subalterno propagado

pelo racismo e restaura um status de empoderamento, repleto de história, conhecimento, força e beleza. Nessa luta que tem que ser, e é revolucionária, se constroem os pensamentos mais desafiadores que tensionam o currículo, e questionam a representatividade negra no cotidiano das instituições. A educação que visa ser acolhedora e emancipadora, às parcelas discriminadas e oprimidas da população, se deixa tocar pelas almas de nossa gente, lhes proporciona letramento crítico, lhes fazem conhecer seus direitos. Deixando-lhes ver que seu lugar é onde desejarem estar, como na universidade ou outros espaços tradicionalmente reservados ao privilégio branco.

Portanto, nessa forma de raciocinar, compreendendo a educação, o antirracismo e a equidade, como direito social conquistado de forma árdua pelos negros e negras brasileiros, essas outras visões de mundo nos levam às primeiras tarefas para a tomada de consciência negra: reconhecer e repudiar a constância secular da presença do racismo no âmbito institucional, em todos os setores da sociedade, públicos ou privados.

As principais estratégias antirracistas em sala de aula compõem-se de ativismo/afeto/pesquisas/estudos e reflexões que podem transformar pessoas que mudarão mundo. As organizações educativas que se queiram democráticas precisam preconizar reflexões críticas e transformadoras, que possibilitem a inclusão e emancipação de crianças e jovens negros/as e pobres.

## **2. Políticas Afirmativas que Impactam a Educação**

Ações afirmativas são formas de reparar desigualdades sociais e raciais no Brasil e no mundo. Torna-se política pública quando o Estado passa a agir para efetivação de direitos assegurados pela Constituição Brasileira e conceder oportunidades de reparação para grupos que sofrem discriminação étnica, racial, de gênero, religiosa, entre outras, como negros, indígenas, pessoas com deficiência, entre outros. Além da dimensão material, oportunizada principalmente pelas lutas voltadas à educação, ao emprego, à habitação e aos meios de subsistência, as ações afirmativas englobam também a dimensão simbólica e cultural, tratando de proteger povos tradicionais, como indígenas, quilombolas, ciganos, ribeirinhos, etc.

O marco legal antirracista foi se estabelecendo nos últimos 20-30 anos, pipocando conquistas e direitos, nas esferas jurídica, política, educacional, entre outros. Foi nessa onda de democratização e reestabelecimento da cidadania que surgiram a criminalização do racismo e da injúria racial, as reservas de vagas na política partidária, a política de cotas nas universidades e institutos federais, a reserva de vagas para negros em concursos públicos, bem como as legislações para a educação básica. Podemos sublinhar, no âmbito da educação brasileira, que as políticas afirmativas possibilitaram (ainda não a contento)

uma revolução no reconhecimento dos direitos da população negra e pobre. A principal tarefa da educação democrática antirracista é trabalhar para ver os direitos transformados em ação no seu cotidiano.

### 3. Interculturalidades e identidades culturais

As dimensões da interculturalidade e reconhecimento das identidades culturais se expressam como centrais entre as orientações político-epistemológicas das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (MEC 2004). Os projetos político-pedagógicos das escolas brasileiras, no cumprimento das leis, precisam assegurar as dimensões complexas da pluriculturalidade, nas quais se entrelaçam culturas de brancos-negros-indígenas e outros. O amplo tecido social brasileiro se entrelaça em diversos contextos culturais, numa diversidade riquíssima, demonstrando que todas as riquezas e conhecimentos sociais são produzidos pela diversidade humana, em suas singulares trajetórias.

A visão pluricultural traz a percepção positiva das diferenças originadas nas experiências, descobertas, produção de conhecimentos e modos de viver dos grupos culturais. Tais construções simbólicas, expressas nas mais variadas formas de linguagem e representações, demonstram também, planos de reciprocidade entre as culturas, favorecendo relações e novas configurações constantes. Esse dinamismo cultural é que movimenta a história.

Identidade, consciência e representatividade da negritude são pilares a serem fortalecidos num trabalho pluricultural e antirracista. As representações do ser negro indicam posicionamentos ou referências que o indivíduo tem de *ser* e *estar* no mundo. São conteúdos imagéticos, físicos ou intelectuais/cognitivos, que se sobrepõem à maneira com a qual ele vive sua realidade concreta e realiza seu viver cotidiano. Representações são constructos histórico-culturais que emergem nas relações sociais e orientam todos os aspectos da realidade e suas interpretações. Além de aspectos cognitivos, existem valores, motivações e outros elementos subjacentes aos processos de interiorização de conceitos que orientam o posicionamento aqui referido.

Os sujeitos de pele escura guardam experiências de pertencimento aos povos africanos. Assim, trazem em si, como autorreferências simbólicas, um histórico coletivo, implícito nas trajetórias civilizatórias, transnacionais e nacionais da diáspora negra. Vivendo no contexto opressor do estrangeiro (fora de África), foram necessárias muitas estratégias e recriações de referências de solidariedade, na condição de escravizados que perderam seus laços familiares e sociais. Os novos arranjos fundaram várias histórias de resistência e sobrevivência cultural. No nosso país surgiram, por exemplo, os terreiros de candomblé, os quilombos, as irmandades religiosas negras, a capoeira, as celebrações



sincréticas religiosas, entre outras construções culturais, como resultado de grandes “acordos de convivência” ou “resistência para sobreviver” que aproximaram grupos antes diversos e até opostos no continente africano. (Gonçalves 2010). Ao fim da escravidão, a intelectualidade branca brasileira importou teorias pseudocientíficas eurocêntricas que disseminaram a existência e a hierarquização das raças humanas, para construir o ideário da dominação racial. Nesse contexto perseveraram as ideias de inferioridade dos negros, e a crença do mito da democracia racial, baseado na convivência harmoniosa das raças. A nossa elite política branca produziu também a ideologia do branqueamento e empreendeu um grande projeto de embranquecimento da população, incentivando a imigração europeia, elogiando a mestiçagem, apagando os traços históricos da contribuição negra na formação da nação, com o grande desejo de se tornar uma nação branca. Assim se fortaleceu, no período pós abolição, um imaginário nacional falacioso, que negava a dura realidade das pessoas negras brasileiras, naturalizando as desigualdades e invisibilizando a presença negra em nossa história.

Esses procedimentos institucionalizados interferem até hoje nos processos profundos e complexos de formação psicológica dos brasileiros e brasileiras, como imbricação entre subjetividade e cultura. A cultura é mediadora da individuação das pessoas, os indivíduos só desenvolvem sua subjetividade na cultura e através dela. A subjetividade nasce de complexas construções internas que se originam e se desenvolvem pela interiorização da cultura. A herança da escravização e as experiências de produção da vida submetida aos preconceitos e exclusões atravessam os processos subjetivos de negros/as e brancos/as, repletos de ressentimentos e conflitos. (Gonçalves 2010)

Esse fenômeno complexo de opressão racial, que produz apagamento histórico, negação de direitos humanos, e desigualdades sociais, influencia não apenas os indicadores sociais de forma desfavorável para negros e negras, como também prejudica sua autoestima e projetos de vida, sendo, dessa maneira, objeto de estudo essencial para o campo da educação transformadora. Entendemos que a constituição subjetiva dos negros é uma construção social, cultural e individual, na sua concretude de sujeitos sociais dotados de corporeidade, memória e desejos ou aspirações humanas.

#### **4. Aulas Antirracistas na Universidade**

Os trabalhos do *Grupo Negros e Negras em Movimento*, para formação de educadores antirracistas, se realizaram em formato de projetos temáticos, com orientação metodológica de pesquisa-ação, visando ampliar a formação-reflexão dos participantes no âmbito da equidade racial na educação. Buscamos nessa experiência desenvolver habilidades de planejar, observar, refletir e agir de maneira consciente, sistemática e rigorosa sobre nossa experiência cotidiana.

Nesse modelo os participantes são compromissados com as propostas transformadoras que são o eixo fundamental do projeto, tornando-se sujeitos e objetos conscientes de sua própria prática e dos contextos em que se produz a prática.

Os diálogos em sala de aula envolviam discussão sobre os desafios de aprender juntos, já que a maioria sabia pouco ou nada sobre história e cultura dos afro-brasileiros. O trabalho coletivo, seleção de temas de interesse, planejamento, distribuição de responsabilidades, construção de conhecimentos, tudo era muito instigante, porém as pesquisas eram sempre exaustivas, havia muito pouco material disponível uma década atrás. Em resumo, os trabalhos se enredavam através de:

- Autoconhecimento
- Leituras e problematizações teórico-práticas;
- Aulas de campo - vivências afro-centradas
- Experimentação de metodologias de ensino valorizadora de temáticas e pessoas negras e negros.
- Produção de textos e projetos pedagógicos que se desviassem das visões eurocêtricas.
- Diários de campo

*Aulas de campo:* aulas fincadas em solo dos conhecimentos e vivências da história e cultura da população africana e afro-brasileira, incorporando dimensões vivas, impossíveis de se esgotarem numa leitura e discussão teórica, ou de uma tarefa tradicional, ainda que cheia de criatividade. Experimentamos, em visitas técnicas, escutas dos mestres dos territórios, participação em eventos, estudos e pesquisas, os sentidos e significados de saberes e práticas, espalhados em diferentes territórios e atividades sociais, que são testemunhos e preservam a história e a cultura negra. As aulas de campo, nesse projeto, seguiam sempre a metodologia do estudo prévio, discussões de tópicos em aula e saídas a campo para as vivências e interpretações. Sempre com o diário de campo nas mãos, anotando o que se via, o que se sentia, o que se poderia deduzir ou desdobrar nos estudos, o que incomodasse, o emocionava, e a síntese possível após leituras e vivências.

Assim partíamos com as turmas para quilombos (Em Paraty, Angra dos Reis, Marambaia-RJ, São José da Serra - RJ, Contagem - MG, entre outros, ou festividades religiosas como as congadas em Minas Gerais (Contagem e Oliveira), sedes de irmandades religiosas católicas do Rio de Janeiro, terreiros de candomblé e casas de umbanda (diversos no RJ), museus do Rio de Janeiro e São Paulo (diversos, incluindo museus alternativos de periferia), circuitos de estudos em São Paulo e em Salvador, e muitos projetos desenvolvidos em escolas de educação básica, com crianças ou adultos de EJA ou com juventudes de periferias (estudando o movimento hip-hop e o funk carioca).

#### 4.1. EXPERIÊNCIA SELECIONADA: DIÁLOGOS MULHERES NEGRAS SENSACIONAIS

Nesse recorte, o projeto selecionado contempla eixos epistemológicos centrais para o trabalho pedagógico com temas negros, como a transversalidade das questões sócio-históricas e a interseccionalidade das opressões ao corpo negro, bem como a necessária discussão para combate do racismo institucional na educação e a implementação de políticas voltadas para a reorientação curricular na direção da equidade racial, partindo do reconhecimento/reparação, bem como da valorização das raízes civilizatórias africanas e as contribuições do povo negro para a construção da nação.

Focados nessa meta, realizamos inúmeros diálogos e produções, na temática da resistência e do protagonismo histórico da mulher negra. Houve diálogos com pesquisadoras especialistas na área, atividades em diferentes linguagens, utilizando tecnologias, aulas de campo e materiais digitais como vídeos, documentários, imagens, músicas etc. Essas situações de aprendizagem resultaram numa experiência ímpar e significativa, tanto para o nós, equipe organizadora, quanto para os/as estudantes.

Durante a problematização debatemos sobre a presença contemporânea de mulheres negras em busca de qualificação acadêmica e como essa presença negra tem alterado qualitativamente a paisagem humana da Universidade: hoje, grande parte dos e das discentes são corpos pretos. Para os diálogos trouxemos a atenção ao orgulho do corpo e da mente negra, apresentando estudos e argumentos de consciência positiva, de certo modo empoderando o feminino e discutindo formas de combate aos mecanismos machistas e racistas da nossa realidade.

Nesse projeto trouxemos reflexões sobre subjetividades negras e o lugar histórico das mulheres negras na constituição de nossa sociedade. Debates sobre os mecanismos racistas/sexistas que oprimem, silenciam, violentam e subalternizam o feminino, mantendo-as na base da pirâmide social. Pontuamos histórias femininas negras, através de leituras, vídeos, músicas, poesias, literaturas, e análises biográficas. A reflexão através da pesquisa e a escrita criativa foram as estratégias escolhidas para enredar as conversas em grupo.

Estabelecemos um ciclo de diálogos distribuído em quatro subtemas, conforme se segue:

- I. Interseccionalidade raça/classe/gênero, pacto narcísico da branquitude e o protagonismo do feminismo negro
- II. Mulheres Negras Sensacionais
- III. Somos todas Carolinas – nossas ancestrais
- IV. Pacto com minha Negra Sensacional

Iniciamos os diálogos com os temas “racismo à brasileira” e “branquitude”.

Provocamos o grupo com a pergunta: “por que existe um pacto de normatividade existencial da população branca como referência de verdades e coerências inexoráveis? No diálogo trabalharam-se os conceitos de privilégio branco e supremacia branca, como produtos de um processo histórico que enraizou e construiu estruturas que embasam a normatividade branca no Brasil desde a colônia. Essa estruturação social possibilitou que o segmento branco fosse superestimado em nossa história, aparecendo como modelo universal de humanidade a ser seguido, alvo da inveja e do desejo de outros grupos raciais. No entanto, esse modelo foi inventado e mantido no mundo pela elite branca, no sentido de garantir a supremacia branca, perpetuada ao longo da história, como forma de legitimar a dominação econômica, política e social. Esse traço ideológico da supervalorização e normatização branca investiu na construção de um imaginário substancialmente negativo sobre os corpos não brancos, danificou a autoestima negra, culpabilizou as vítimas pelas discriminações que sofrem e, por fim, “justificou” as desigualdades raciais.

Prosseguindo, nos concentramos em construções sobre mulheres negras. A partir de textos e vídeos de autoras negras, debatemos a ideia do corpo feminino negro como lugar social subalternizado e os desafios da resistência e do empoderamento pessoal, entendendo a interseccionalidade de opressões que atravessam os corpos de todas as mulheres negras, pobres, heteronormativas, transgêneros, etc. Os diálogos sobre corporeidade e ancestralidade negra, também contaram com pesquisadoras especialistas convidadas.

Comentarei, na sequência do texto, algumas atividades selecionadas desse projeto.

#### 4.2. NEGRÔMETRO

Nas reflexões sobre si mesmos, focamos na construção da história pessoal. A produção da árvore genealógica da família foi base para a recuperação de memórias de si. Nessa construção pedimos que cada estudante sublinhasse as mulheres negras de sua família e destacasse aquelas de sua admiração. Assim, quando escrevesse sua história, entrelaçaria a história dessas personagens ancestrais ou contemporâneas (meninas, jovens ou mulheres mais velhas). Para organizar as histórias pessoais, e a presença negra do entorno de cada um/a, utilizamos um organograma, um instrumento lúdico, por nós produzido, denominado *negrômetro*, no qual cada estudante se posicionavam em posição central e informavam seu pertencimento racial, conforme as categorias do IBGE. Em seguida posicionavam seus ancestrais, com suas origens raciais e tópicos considerados importantes da trajetória de vida desses antepassados, em quantas gerações pudesse chegar (pelo menos até a terceira geração ancestral).

#### 4.3. CONSTELAÇÕES<sup>4</sup> DE MULHERES NEGRAS:

A atividade seguinte foi construir uma teia pessoal de mulheres negras, partindo das mulheres negras da família e ampliada pela colocação de outras mulheres negras do entorno da/o estudante, como colegas de trabalho, de estudos, amigas de infância ou da atualidade, funcionárias de casa ou de outro local. Essa teia chamamos de *constelação de mulheres negras*, indicando, no sentido figurado, um conjunto de mulheres notáveis, lutadoras e valentes. Assim, as/os estudantes acrescentaram mulheres, jovens ou meninas negras de seu entorno, parentes ou não. Foram surgindo avós, mães, tias, madrinhas, vizinhas, professoras, babás, empregadas domésticas, amigas de infância, irmãs mais velhas ou mais novas, primas, colegas de escola, colegas do trabalho ou da universidade. Ao escrever sua história de vida, entrelaçada ao seu pertencimento racial, e a sua rede de mulheres negras, os/as estudantes eram convidados a "(re)descobrir" fatos importantes e compor seu texto, encontrando o lugar de importância dessas personagens negras em suas histórias. Para tal revisitavam suas memórias, conversavam com seus mais velhos da família ou outras pessoas que achassem pertinente. Aqui cabe um parêntese, pois, tratando-se de biografias negras, indubitavelmente aparecem lacunas impossíveis de se preencher quando se trata das ancestralidades negras, esse fato é sempre impactante, quando se perdem as memórias ancestrais (surrupiadadas pelo sequestro das identidades culturais do passado, operadas pelo tráfico e escravidão).

#### 4.4. BRANQUITUDE E SEUS PRIVILÉGIOS

Nesse tópico conversamos a partir de dois textos e dois vídeos que apresentam e discutem os conceitos de negritude e branquitude e a constituição dos privilégios do segmento branco: Branqueamento e Branquitude no Brasil (Bento 2002, 28-63); A Máscara (Kilomba 2016, 33-46), Filme Praça Paris (Murat 2016), Vídeo Olhos Azuis (Verhaag e Jane 1996). No formato de roda de conversa, debatemos sobre o efeito do racismo nas construções egóicas brancas, inflando-as e deturpando a visão de si mesmos. Retomamos as reflexões iniciais da estruturação histórica da *supremacia branca*, e refletimos, a partir das obras acima citadas o fenômeno psicossocial denominado "*pacto narcísico da branquitude*", que leva as instituições e pessoas brancas com poderes, a privilegiarem sempre pessoas brancas, e também se auto-defenderem ou se auto apoiarem em quaisquer circunstâncias. Também se analisou, a partir de estatísticas e depoimentos, o mesmo fenômeno na escola,

---

4 Na astronomia, constelação é agrupamento de estrelas unidas por linhas imaginárias, permitindo imaginar uma figura na esfera celeste; no sentido figurado, constelação pode significar um grupo de pessoas notáveis.

que normatização e cristaliza esses privilégios da branquitude através de diferentes mecanismos, visíveis ou invisíveis, tidos como justos.

#### 4.5. PAINEL MINHA NEGRA SENSACIONAL

Socialização das constelações individuais das figuras femininas negras e escolha de uma mulher que se considere especial nesse grupo, que denominamos como Minha Negra Sensacional.

No compartilhamento das histórias aparecem a racialização e as desigualdades sociais. Nas discussões sobre “lugar de fala”, a síntese foi que a identidade branca ou negra determina lugares de representação social, plenos de significados e sentidos impossíveis de serem transferidos de um para outro corpo.

#### 4.6. ÁLBUM MULHERES NEGRAS ANCESTRAIS SENSACIONAIS

Estudos e pesquisas sobre personalidades negras femininas para montar um Álbum de Mulheres Negras Ancestrais Sensacionais. A tarefa consistiu em destacar mulheres que se destacaram e são representativas das causas negras, em qualquer área, através da biografia de mulheres que nos antecederam imprimimos imagens sociais positivas ao feminino negro.

#### 4.7. SOMOS TODAS CAROLINAS

Um estudo de caso sobre uma mulher escritora-ícone brasileira, Carolina Maria de Jesus. Estudamos a sua biografia e lemos o seu mais célebre livro, *Quarto de Despejo*. Ao final as/os participantes debateram a visão de mundo dessa mulher a partir de categorias escolhidas pelo grupo (família, trabalho, maternidade, sexualidade, trabalho, moradia, saúde, alimentação) e as semelhanças entre a narrativa da obra e os problemas das mulheres negras nos dias atuais.

#### 4.8. ANCESTRALIDADES E COSMOGONIAS AFRICANAS - MULHER NEGRA COMO REFERÊNCIA

Nesse tópico dialogamos sobre os conhecimentos, simbologias e valores civilizatórios milenares preservados especialmente nas comunidades tradicionais de Candomblé e Umbanda, pelas guardiãs da memória negra, as Yalorixás, que preservam as visões de mundo ancestrais nas convivências dos terreiros, e suas intersecções com a cultura. Após reflexões com os materiais de estudo pertinentes ao tema, o diálogo se deu numa roda de conversa em sala de aula com uma pedagoga e Yalorixá, que conversou sobre o papel da mulher negra, como mantenedora e guardiã da cultura diaspórica africana e afro-brasileira.

#### 4.9. AULAS DE CAMPO

Aula de campo na Exposição “*Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*”, Museu de Arte do Rio/RJ. Exposição dedicada à trajetória e à produção literária da autora mineira apresentando mais de 400 itens de sua produção como autora, compositora, cantora e artista<sup>5</sup>

Aula de campo no Terreiro Egbe Ilé Omidayé Asé Obalayò, em São Gonçalo/RJ. Roda de conversa com a Yalorixá Mãe Marcia D’Òxum, visita guiada ao terreiro e observação como convidados da cerimônia de candomblé.

Aula de Campo – Circuito Herança Africana – Encontro com Bakhita. Percurso guiado por profissionais do Instituto Pretos Novos, visitando pontos históricos da região chamada de Pequena África (Bairro da Gamboa do rio de Janeiro), incluindo várias explicações fortalecedoras da narrativa histórico-cultural sobre a história dos africanos no Rio de Janeiro. Ao final do circuito, visita ao Cemitério dos Pretos Novos (sítio arqueológico descoberto em 1996 na região portuária do Rio de Janeiro) e encontro com a ossada completa de uma mulher africana, que recebeu o nome de Bakhita, morta aproximadamente aos 20 anos, ao chegar no Brasil escravizada, no início do século XIX.

#### 4.10. CULMINÂNCIA DO PROJETO: PACTO COM MINHA NEGRA SENSACIONAL

Para finalizar os trabalhos, as e os participantes da disciplina encerram seus diários com uma carta-pacto, endereçada à mulher negra, estrela de sua constelação, objeto de sua maior admiração, a quem considera uma mulher negra sensacional, a qual apresentou anteriormente à turma numa roda de conversa intitulada Minha Mulher Negra Sensacional. Na carta para sua escolhida, o/a estudante, futuro/a professor/a, afirma seu compromisso antirracista. Nessa carta ele/a reitera o porquê a admira, e promete à sua personagem que lutará contra o racismo onde estiver. No documento, o/a autor/a se coloca na sua posição futura de educador/a e faz suas considerações sobre o que foi proposto e dialogado no projeto, realizando auto análise sobre os aprendidos e reflete sobre seu entorno, a realidade de educação, saúde, emprego, moradia, lazer, das pessoas negras, das mulheres negras, das crianças negras. Essa tarefa implicou nas possibilidades de atitudes antirracista em qualquer espaço e especialmente na escola.

---

5 Curadoria do antropólogo Hélio Menezes e da historiadora Raquel Barreto, com assistência de Phelipe Rezende.

#### 4.11. TRECHOS ESCOLHIDOS DOS DIÁRIOS DE CAMPO

Para exemplificar as falas dos estudantes, trazemos algumas contribuições retiradas dos diários de campo de cursistas

##### 4.11.1. História a partir do Negrômetro

O meu avô paterno era indígena, vivia com sua família no Pará. Como ele e minha avó se conheceram eu não sei, mas sei que antes disso mudou seu nome para um nome bem brasileiro e apagou suas raízes para conseguir assegurar trabalho. Ele veio para o Rio de Janeiro onde teve 7 filhos biológicos e adotou mais dois. Batalhou contra o câncer e morreu deixando uma viúva cadeirante com sérios problemas de saúde, e nove filhos meio-indígenas, e negros, alguns dos quais ainda eram bem pequenos e também com problemas de saúde. Sem dinheiro ou família para recorrer, os filhos começam a trabalhar e cuidar uns dos outros, e muitos se distanciaram e seguindo com sua vida independente ainda na adolescência, perderam contato com os irmãos. Não se sabe muito de sua família ou tribo e nada da sua cultura indígena foi passada adiante, nem seu verdadeiro nome.” (Trecho de relato familiar da aluna MR, outubro, 2020)

##### 4.11.2. Reflexões sobre branquitude

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, esta herança pode ser objetiva e subjetiva, sendo colaboradora, reprodutora, deste lugar social, preenchido de poder, em que, o negro como objeto de estudo, é percebido como linear, separado, fragmentado, sem conceber nesta construção do branco a correlação com o negro, atribuindo a problemática das desigualdades raciais ao negro, sem evidenciar o papel do branco, com pacto entre os brancos de conservação deste privilégios, o qual ocasiona benefícios concretos e simbólicos. (Estudante S)

Outra fala significativa, as considerações do estudante L.

A aceitação de si é um processo difícil, afinal vivemos em um modelo eurocêntrico que nós diz todos os dias que se eu não seguir específico modelo, nunca serei aceito, e com o preto é exatamente assim, até a forma de usar seu cabelo foi comercializado, eu mesmo vim de pessoas brancas e pretas, e é um processo até hoje em como eu devo me identificar, na grande maioria das vezes, eu me situo como preto de pele clara, afinal, eu tenho traços que me remetem a isso: “Assim, compreender o branqueamento versus perda de identidade é fundamental para o avanço na luta por uma sociedade mais igualitária”. (Bento, M. A. Silva, 2002, 27) O discurso aqui não é sobre achar quem é melhor que alguém pela sua etnia, mas sim compreender que vivemos num processo de evolução e também de uma cultura racista, eurocêntrica, por isso devemos todos



os dias refletir sobre nossas ações premeditadas com relação a pessoa preta e a pessoa branca, será que vamos agir da mesma maneira para as duas? É assim que vamos construir o antirracismo, exercícios na escola onde o preto tem acessos, etc. Não podemos deixar de nos aceitarmos pretos e pretos de pele clara, é nossa essência, é nosso passado. (L)

#### **4.11.3. A mulher negra sensacional**

A aluna de pedagogia J. A. escolheu como sua Mulher Negra Sensacional a cantora cirandeira Lia de Itamaracá. Pode-se perceber no texto da pesquisa sobre a cirandeira, a compreensão da aluna sobre interseccionalidade e como o corpo da mulher negra ocupa espaços através da existência. Diz a aluna:

Maria Madalena ou Lia de Itamaracá como é popularmente conhecida, é uma mulher negra sensacional, um ícone da cultura pernambucana e a mais célebre cirandeira do Brasil, uma mulher potente, de voz única, espontânea, de sorriso fácil, que ama e reafirma sua afrodescendência, sua ancestralidade. Vinda de origens humildes, pais trabalhadores e a única entre 18 irmãos que se interessou pela arte de cantar.

Durante bom tempo de sua vida, Lia apenas se apresentava na Ilha de Itamaracá, trabalhou como cozinheira em um restaurante em que se se apresentava aos fins de semana e como merendeira em escolas, onde também brincava de ciranda com as crianças. Em 1977, Lia foi redescoberta por Beto Hees, seu atual produtor, foi quando sua carreira decolou, levando em turnê suas apresentações para outros estados do Brasil e também para territórios da Europa, como França, Alemanha, Lisboa e Londres. Ganhou o título de “Diva da música Negra” pelo The New York Times. No ano de 2005, Lia recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, concedido pelo Governo do Estado, recebendo uma bolsa vitalícia pela valorização cultural. Além desses feitos, Lia recebeu do então presidente Lula, a medalha da Honra e Mérito Cultural da Presidência da República. Lia aparece em “O Mar de Lia”, curta-metragem em que atua e conta um pouco de sua trajetória de vida, todas as fronteiras que ultrapassou para ganhar o reconhecimento. Lia também é citada na minissérie premiada no festival FestCine, “Encantada”, onde canta, à capela, uma de suas cirandas. Também no cinema, Lia aparece no filme “Bacurau” onde interpreta Dona Carmelita, a matriarca da cidade de Bacurau. Lia também ganhou título de doutora honoris causa pela Universidade Federal de Pernambuco.

Resumindo:

Lia, uma mulher negra nordestina, trabalhou sua vida toda para sustentar a família, nunca esquecendo do seu sonho de levar sua ciranda para o mundo, que por muitas vezes ficou em segundo plano por falta

de investimentos, seu primeiro disco produzido por ela mesma não teve patrocínio e Lia não ganhou nada com a obra.

Tenho admiração por Lia ser um exemplo vivo da hereditariedade cosmológica e cultural, transmitida de gerações a gerações pelas mulheres.

No momento de sua apresentação, a estudante se emocionou ao declamar poesia de Lia, tornado um conhecimento sensível, imbuído de relações significativas de vida.

Minha negra sensacional: Lia de Itamaracá  
“Eu sou Lia da beira do mar  
Morena queimada do sal e do sol  
Da Ilha de Itamaracá  
Quem conhece a Ilha de Itamaracá  
Nas noites de lua  
Prateando o mar  
Eu me chamo Lia e vivo por lá  
Cirandando a vida na beira do mar  
Cirandando a vida na beira do mar  
Vejo o firmamento, vejo o mar sem fim  
E a natureza ao redor de mim  
Me criei cantando  
Entre o céu e o mar  
Nas praias da Ilha de Itamaracá  
Nas praias da Ilha de Itamaracá”

## 5. O pacto com minha negra sensacional

A experiência de escrever uma carta-compromisso para sua mulher negra sensacional trouxe elementos cognitivos-afetivos muito importantes, que deram sentido e síntese às vivências em aula, em sala ou no campo, como dizem, nos territórios. Foram momentos emocionantes as leituras dos compromissos em aula.

Abaixo temos um exemplo de pacto, a carta escrita pela estudante S.C.A. à Marielle Franco, sua negra sensacional, com quem se compromete a exercer uma educação antirracista e antissexista, imbuída na força da luta e representatividade de Marielle.

Itaboraí, 08 de dezembro de 2022.

Querida Marielle,

Início esta carta com desejo que estas palavras cheguem até você. Hoje fazem 4 anos e 8 meses do seu assassinato, e até agora não temos respostas...

Ao começar escrever memórias daquele momento, sinto angústia, revolta, tristeza e impotência diante de tudo que o Brasil passa atualmente.

Continuam nos matando, dessa vez foram as primas Emily e Rebecca em Gramacho, já dizia Conceição Evaristo, “Eles combinaram de nos matar, mas combinamos de não morrer”, pois assim como você, continuamos sendo sementes de resistência, e sendo sementes teimamos em germinar. Vocês são atemporais e nos atravessam diariamente. Não é só uma carta de memória. É uma carta-resistência, que solicita acesso às forças superiores por uma ruptura dessa ideia do fim de uma vida. Você vive! Estas palavras chegarão até você.

Hoje é um dia difícil... Eles avançam com o projeto de extermínio das vidas negras, nossas famílias, sonhos e histórias. Ao constatar essa realidade sentimos indignação. Marielle é a raiva que vem logo após a tristeza e o pesar. Percebi que ela é bastante potente. Você sabia disso! Era indignação o protesto da sua resistência à opressão. São esses sentimentos que nos alertam, abarcam, nos fazem cuidar e ser cuidada. Resistindo a gente permanece se amando e se identificando como potências. Transformando o luto em luta.

Como educadora, tenho compromisso de ser mais uma semente, uma voz de resistência, transmitindo, multiplicando e ampliando os seus ideais nos corações das crianças que são e serão meus alunos, com práxis antirracistas, a partir do reconhecimento que a escola, como parte da sociedade, também é um espaço em que o racismo está presente.

Este reconhecimento, mudança e transformação, Marielle, tem que ser pautado de uma educação dialógica de Paulo Freire, repensando o currículo, o PPP, a formação docente com questões de interesse do multiculturalismo, como diferenças de cultura, raça, gênero e sexualidade, que perpassam o cotidiano escolar, relembro um trecho do seu discurso, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 08 de março, que entremeia os sentidos de lutar por educação multicultural: "As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosa, mas a gente vai tá com o punho cerrado também falando do nosso lugar de vida e resistência, contra os mandos e desmandos que afetam as nossas vidas. Vai ter que aturar mulher negra, trans, lésbica, ocupando a diversidade dos espaços."

Essa carta-resistência está sendo finalizada. Que ela seja potente, igual à destinatária e que, mesmo que o durante o percurso tenha viagens derradeiras até o seu destino, ela cumpra o seu papel: de continuar movendo-se, em forma de semente, neste caminho de luz onde quer que esteja. Marielle, presente! Hoje e sempre! (S.C.A.)

## **Conclusão: o que faz uma aula antirracista?**

Em princípio, encaramos o racismo como uma ferida social, uma doença que interfere nas formações psicológicas de todos, brancos e não brancos, e em todas as funcionalidades institucionais de uma sociedade racista. Como qualquer outra instituição social, a escola que reproduz as ideologias racistas,

e opera no sentido da exclusão ou abandono de uma parte de seus membros (nesse caso estamos falando das crianças e jovens negros e negras), ao invés de ser um lugar de acolhimento e cura, se traduz melhor como lócus de adoecimento, apequenamento, anulação desses “*não escolhidos*”. Nesse caso, para boa parte de seus estudantes, as concepções pedagógicas arraigadas em concepções de sujeito e do ensino-aprendizagem com padrão eurocêntrico, são inertes e se traduzem em aulas, projetos pedagógicos e profissionais contaminados pela doença do narcisismo branco. Qualquer educação democrática tem que ser antirracista.

Porém, uma proposta educacional com equidade racial e antirracista, se esforça e enfrenta os desafios de promover o reconhecimento das diferenças. Pergunta-se, desde os primórdios das ações que desenvolverá, se essa educa para a liberdade, para a democracia, entendendo-se que um fundamento com raiz democrática não combina com racismo. Acolhe os ensinamentos do movimento social negro dos séculos XX e XXI: busca educar com os princípios de combate ao racismo, praticando um currículo afastado da homogeneidade (leia-se branquitude), acolhendo as diferenças, incorporando as “*pedagogias das encruzilhadas*”.

A educação antirracista trata de investigar e construir protocolos políticos-pedagógicos que respeitem as diferenças presentes na escola, acolhendo e respeitando escolhas e particularidades do seu público.

A aula antirracista, como se explica nas DCN’s para a Educação das Relações Étnico-raciais (citada no início desse texto), não cabe em quatro paredes, porque é iminentemente política e trata de viver a história e a cultura dos afro-brasileiros e africanos. Essa cultura orgulhosa resistiu, atravessou séculos, e pulsa nas vivências populares regionais. Produz, nas comunidades periféricas, crianças, jovens, e adultos que respiram essas matrizes culturais populares, mas que, infelizmente, são invisibilizados ou inertes no ambiente escolar.

A educação, a escola ou a aula antirracista procura nexos com o chão da luta dos negros que buscam se firmar como cidadãos de igual valor, desde a abolição. Lutam pelo reconhecimento de sua história, pela valorização de sua participação na construção da nação, e pela sobrevivência psicológica e física. Essa, conecta-se com a realidade e auxilia na reeducação da sociedade, esvaziando ideologias e privilégios do branqueamento e das hierarquizações culturais. Essa, torna-se realmente inclusiva quando se posiciona com sabedoria, para criar políticas emancipatórias para jovens e crianças de todas as origens.

O aprendizado que guardamos de nossas aulas antirracistas é que elas estão permanentemente em construção, sempre podemos melhorar na próxima vez, podendo nos utilizar melhor dos insights que tivemos na prática ou aprimorar aspectos que pensamos poder melhorar após a experiência anterior (tempo, ritmo, conteúdos, estratégias didáticas, adequação dos materiais).

A aula democrática, sem racismo, sempre é uma oportunidade nova.

## Referências bibliográficas

Bento, Maria Aparecida Silva. 2002. “Branqueamento e branquitude no Brasil”. Em Carone, Iray; Bento, Maria A. Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.

---

Brasil, 2003. *Lei Federal 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. Brasília, DF.

---

Brasil, 2008. *Lei Federal 11.645 de 10 de março de 2008*. Brasília, DF.

---

Brasil, 2010. *Lei Federal 12288 de 20 de julho de 2010*. Brasília, DF.

---

Brasil, 2012. *Lei Federal 12.711/ 2012 de 29 de agosto de 2012*. Brasília, DF.

---

Brasil, 2014. *Lei Federal 12.990 de 09 de junho de 2014*. Brasília, DF.

---

Gomes, N. Lino. 2017. *O movimento negro educador*. Petrópolis, RJ: Vozes.

---

Gonçalves, Maria das Graças. 2010. “Subjetividade e Negritude”. Em: Cadernos PENESB12 - Especial: Curso ERER. Niterói: EDUFF.

---

Jesus, Carolina Maria de. 1989. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. SP: Círculo do Livro.

---

Kilomba, Grada. 2019. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. RJ: Cobogó.

---

Mec/Seppir. 2005. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília-DF: MEC/SEPPIR.

---

Murat, Lucia. 2018. *Praça Paris*. Filme, Brasil, Portugal e Argentina. Distribuição Imovision, 118 min.

---

Pitanga, Filippo. 2018. *Praça Paris: racismo estrutural e a desconstrução da branquitude*. Acessado em 01 dez. 2018. <http://almanaquevirtual.com.br/pracaparis/>.

---

Santos, Neusa S. 1983. *Tornar-Se Negro*. RJ: Graal.

---

Rufino, Luiz. 2019. *Pedagogia das Encruzilhadas*. RJ, Mórula Editora.

---

Schucman, L. Vainer e Schilickmann, Renata. 2018. Racismo e Branquitude: Psicologia e Branqueamento no Brasil. Em.: Kominek, Andrea M. Voss & Vanali, A. Christina (Orgs.). *Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para*

*o enfrentamento ao racismo no Brasil*. Acessado em 10 dez 2018. <https://www.editorafi.org/396latitudes>.

---

Verhaag, Bertran e Elliot, Jane. 1996. *Olhos Azuis*. Vídeo, 128min. Alemanha e EUA.

---